

Noventa anos depois: Dora e a psicanálise

Purificacion Barcia Gomes

O *Caso Dora* mostra como Freud praticava a análise e como eram os pacientes daquela época. O que mudou desde então, neles e nos seus analistas? O que permanece? Este artigo oferece uma hipótese instigante.

Em 1995 o *Caso Dora*¹ completa noventa anos de publicação. Dora é exemplo vivo do tipo de pacientes atendidos por Freud, e o livro ilustra sua maneira de praticar e pensar a psicanálise.

Essa ocasião levou-me a refletir sobre os desenvolvimentos sofridos pela teoria e prática psicanalíticas em nove décadas, e a perguntar-me se a psicanálise ali descrita ainda é familiar e continua válida em seus fundamentos, ou se tornou-se meramente um documento de valor histórico desgastado pelo tempo.

Outra questão surge como corolário da anterior: como se apresentam os pacientes na atualidade? Eles têm angústias equivalentes, sintomas equivalentes (descontadas as diferentes circunstâncias), ou tratamos em nossos consultórios exclusivamente de distúrbios narcísicos, como é freqüente ouvir-se nos meios psicanalíticos, desde os culturalistas²?

Purificacion Barcia Gomes é psicanalista e doutora em Ciências pela Escola Paulista de Medicina. A autora agradece aos Drs. Renato Mezan e Claudio Rossi pela leitura e sugestões, e a Pablo Alvarenga pela digitação.

1. "Mudou a psicanálise...?"

Muito se tem escrito sobre o *Caso Dora*^{3, 4}, sob os mais diferentes aspectos: clínicos, metapsicóticos, linguísticos, crítico literários.

Pareceu-me interessante tomá-lo como ponto de referência, revisá-lo como marco histórico que servisse para possíveis comparações entre as crenças e conteúdos veiculados pela psicanálise naquele momento inicial e aqueles que professamos hoje em dia. Ao mesmo tempo, procuraremos observar quais as estratégias de comunicação que Freud, como autor, estabelecia com seu leitor, com o fim de avaliar e questionar as finalidades e possíveis consequências dessa comunicação. Em outras palavras, o que o discurso de Freud revela a respeito de si mesmo enquanto autor, e a respeito daquela psicanálise que praticava e defendia.

Ao entrar em contato com o texto, nos percebemos intimidados de discordar do autor. Freud esclarece que se disporá como guia na aprendizagem das regras para o conhecimento do inconsciente, desde que não insistamos em aderir a uma racionalidade estreita. Sugere-nos que sigamos obedientemente seus passos, tomando como ponto de partida os ensinamentos de 1900 da "Interpretação dos Sonhos". Em seguida, nos adverte para o caráter neurótico de qualquer discrepância do leitor: "*Esse leitor encontrará somente espanto nestas páginas, ao invés do esclarecimento de que está em busca, e ele certamente se inclinará a projetar a causa desse espanto sobre o autor, e a decretar que seus pontos de vista são fantásticos. Mas, na realidade, esse caráter de espanto se liga aos fenômenos da própria neurose (...)*" (p.25).

Logo após a firme advertência, somos convidados de modo incómodo e, supomos, muito inesperado para a época, a unirmo-nos ao autor, em uma experiência íntima e espontânea, não toldada por falsos moralismos, por convenções sociais, ou por racionalizações. Freud recorre à metáfora da consulta ginecológica, ou seja, entrará em nossas

Para avaliar e questionar a comunicação que Freud, como autor, estabelece com seu leitor, convém observar de que estratégias se serve.

mentes, em nossas almas pela via dos genitais, à maneira de uma invasão consentida: "*J'appelle un chat un chat*". O que nos apresenta dessa forma? Através da crueza de uma linguagem até certo ponto escandalosa para a época, oferecemos uma intimidade não usual, e esta transgressão, ao invés de ser punida, será premiada pelo deslindamento de um grande mistério.

Para tanto, Freud exige que o leitor confie nele, sob forma que lembra o discurso esotérico, através de ocultamentos e revelações incompletas: "*Há um outro tipo de incompletude que eu mesmo intencionalmente produzi: como regra, não reproduzi o processo de interpretação ao qual as associações e comunicações da paciente tiveram que ser submetidas, mas somente os resultados de tal processo. Além dos sonhos, conseqüentemente, a técnica*

do trabalho analítico foi revelada somente em uns poucos trechos".(p.27). Tais omissões soam no mínimo estranhas, considerando tratar-se de sua primeira ilustração de um caso clínico.

Ocorre ainda uma hipervalorização do simbolismo, onde tudo pode ser sinal de tudo. Não resulta sempre fácil acompanhar Freud pelo labirinto de equivalências imagéticas, como, por exemplo: leucorréia = vômito = masturbação = gravidez (p.40).

Prosseguimos nossa leitura, com alguma má consciência pelo fato de estarmos no final do século XX, termos vivido uma revolução sexual em grande parte patrocinada pelo advento da psicanálise, portanto situados a uma distância confortável para observar os embaraços de nosso autor, e as conseqüentes racionalizações frente à forte contra-transferência erótica provocada por Dora. Sabemos hoje, é lugar comum, que a histórica mimetiza o observador, através de captar seus interesses com imediatez, e espelhá-los. O alvo é fazer o interlocutor sentir-se inteligente ou interessante, isto é, premiá-lo em seu narcisismo. Freud, alternadamente descreve Dora de maneira deslumbrada e *blasée*, elogiosa e desqualificadora, ora paternal, ora viril. Assim, vêmo-lo tratá-la de "*criança de dezesseis anos*", "*jovem mulher madura de julgamento independente*", "*garota de aparência inteligente*", "*moça de catorze anos*", "*na primeira flor da juventude*", "*menina em crescimento correndo perigo*". Compare-se isso a: "*Sem dúvida este estudo de caso, como um todo (...) não merece ser registrado. É um mero caso de 'pétite hystérie' com comuníssimos sintomas somáticos e mentais: dispnéia, 'tussis nervosa', afonia, e possível-*

mente dores de cabeça, juntamente com depressão, não sociabilidade histérica, e 'taedium vitae', que provavelmente não era inteiramente genuíno". (p.39). Talvez o 'taedium vitae' mostrado por Freud nesta frase não seja de todo genuíno.

Apesar de vivermos em uma época na qual a sexualidade é en-

Os objetivos do trabalho analítico ficam especificados em várias passagens, com otimismo e vigor. Freud acreditava que a neurose era uma estrutura perfeitamente mapeável e delimitada. Ela é objeto definido, definível, com lógica suficientemente clara para poder ser desvendada ponto por

ponto. No momento em que fosse explicada (mais do que explicitada) para o paciente, não resistiria: "... se o trabalho tivesse sido completado teríamos sem dúvida obtido a elucidação mais completa possível sobre cada particularidade do caso." (p.27).

Freud recorre à metáfora arqueológica, e define cura como "remoção de todos os sintomas

possíveis e sua substituição por pensamentos conscientes." (p.32) A reparação de "todos os danos causados à memória do paciente" traria um benefício secundário. Note-se a assertividade no uso dos pronomes adjetivos por mim grifados.

O que mais surpreende nesta obra, mesmo após tantas leituras e outras tantas releituras de outros autores, é o fato de que o leitor psicanalista fique sempre tentado a arriscar seus próprios diagnósticos e apreciações clínicas a respeito de Dora. Talvez resida aí um dos méritos do livro, ou seja, instigar o pensamento, ou talvez isso se dê pela viveza da descrição da jovem neurótica. Isto não nos impede de admitir que muitas de suas conceitualizações tenham sido ultrapassadas.

Assim sendo, perguntamo-nos após a leitura: quem deseja dentro de Dora? Trata-se de libido, impulso

sexual reprimido como quer Freud, ou estará ela apenas cegamente obedecendo a uma programação super-egóica? Não se sente de fato sexuada, mas simula isso para si própria e para os demais, identificada com seu pai e com a Sra.K.. Esparrama em volta de si uma sexualidade que de fato não sente: seu prazer consiste em ser desejável.

Entre o poder e a sexualidade

Esta leitura, obviamente, só é possível a partir das últimas formulações da psicanálise, nas quais se pensa a sexualidade como uma conquista humana frente à natureza. Podemos aqui pensar que se trata da invasão do poder na área sexual: Dora, mercadoria na cadeia de trocas entre seu pai, o Sr. e a Sra K., e Freud, sente sua sexualidade como trunfo, como valor comercial. Ela está convencida de que sexo confere poder e propicia a cura: "Dora acrescentou que seu pai tinha começado a fazer belos presentes à Sra.K. e de forma a torná-los menos conspícuos, tinha ao mesmo tempo se tornado especialmente pródigo em relação à sua mãe e a ela mesma. E, ao passo que anteriormente a Sra.K. tinha sido uma inválida e até mesmo sido obrigada a passar meses em um sanatório para doenças nervosas, por estar incapacitada a andar, ela tinha agora se tornado uma mulher saudável e vivaz." (p.49).

À semelhança do discurso de Dora, o discurso freudiano é em certo sentido histórico: em um primeiro momento teórico, adere ao modelo sexual que a histeria lhe oferece; a sexualidade é vista como origem e solução de todos os males. Freud convida o leitor/paciente a entregar-se ao autor/psicanalista, para efetuarem uma leitura/análise cuja inspiração é francamente sexual.

Parece-nos pois, que a fantasia de cura de Freud mimetiza a fantasia de cura de Dora, e vice-versa.

Mercadoria na cadeia de trocas entre seu pai, o Sr. K., a Sra. K. e Freud, Dora sente sua sexualidade como trunfo e valor comercial.

carada com extrema liberalidade, nos surpreendemos com certas reações do autor: a certa altura relata sua estranheza ao fato de Dora, aos catorze anos, fugir ao assédio sexual do Sr. K., ao invés de responder com a esperada (por Freud) excitação. Não mostra em momento algum continência para a confusão, para o recato e o medo da jovem: "Nessa cena (...) o comportamento dessa criança de catorze anos já se apresentara completamente histérico". (p.44).

Vêmo-lo oscilar entre idéias de cunho libertário, que advogam a desrepressão através da elucidação do mecanismo de "reversão de afetos"; encobridores de desejos sexuais, e pontos de vista de profundo dogmatismo: deve-se sentir prazer sexual, não importa em quais circunstâncias e com quem. Visão ainda em parte fisiológica e naturalista do sexo, portanto.

Ocorrem-nos, então, as seguintes questões: o método psicanalítico tenderia a aderir a seu objeto de estudo nos momentos iniciais de recorte e definição desse mesmo objeto? Haveria um segundo momento no qual o modelo sofreria um salto qualitativo adquirindo autonomia? E, por último, em que medida esses modelos estariam sujeitos a influências ideológicas? Voltaremos a essas perguntas.

Propusemos acima que na histeria de Dora ocorre uma invasão do poder na área da sexualidade, fato este que gera um produto híbrido: nem sexo, nem poder. Se fizermos justiça a Freud, veremos que o tema do uso do poder já aparece neste texto. Ele reflete sobre a questão de maneira um tanto tangencial e diversa da usual explicação edípica⁵, fala do poder como uso da mente neurótica para conseguir dominar a mente do analista ou dos outros, com o intuito de atingir determinadas metas. Um exemplo disso dá-se quando adverte o leitor sobre as queixas do neurótico, por mais fundamentadas que possam ser (refere-se aqui às acusações de Dora quanto ao mau-caráter paterno): *"Há algo inevitavelmente automático sobre esse método de defender-se de uma auto-acusação fazendo a mesma acusação a outrem."* (p.51).

Diz-nos também que a origem das conversões histéricas estaria na infância, quando o amor e a preocupação dos pais com o filho doente ficam pareados na mesma equação simbólica. De forma semelhante, a esposa, ressentida com o marido descuidado, recorrerá à doença mental ou às suas conversões para subjugarlo: *"Pois sua doença será sua única arma para manter sua posição"*. (p.61). Citaremos ainda um último exemplo da preocupação freu-

diana com o uso da agressão, no qual estabelece uma curiosa distinção entre objetivos internos e externos (espaço da fantasia versus tentativa de controle da realidade): *"Motivos que mantêm o paciente doente serão encontrados provavelmente em todos os casos desenvolvidos. Mas há casos em que os motivos*

Prenuncia-se aqui o modelo das relações objetais, ou seja, a mente vista como palco onde batalhas são travadas, triunfos obtidos, derrotas sofridas...

são puramente internos - como um desejo de auto-punição, isto é, penitência e remorso. Será muito mais fácil resolver o problema terapêutico em tais casos do que naqueles nos quais a doença está relacionada à obtenção de algum objetivo externo. No caso de Dora esse objetivo era claramente tocar o coração de seu pai e separá-lo da Sra.K." (p.63).

Prenuncia-se aqui, em nosso entender, o modelo das relações objetais, que mais tarde será desenvolvido por Melanie Klein e outros, ou seja, a mente vista como um palco onde batalhas são travadas, triunfos obtidos, derrotas sofridas, frente a adversários internos e externos.

Se a neurose é, como pensamos hoje, horror ao conhecimento, intolerância à relatividade, o uso do poder na interpretação simulária e contrapor-se-ia ao uso do poder do neurótico, na sessão e na vida. Tal-

vez Freud tenha uma vez mais, em parte aderido e em parte refletido a respeito do objeto que começava a formar-se perante seu olhar: a agressividade sexualizada do neurótico. Ele propõe como estratégia, para vencer a barreira neurótica ao novo, que o analista atribua à própria mente do paciente sua própria agressividade, o desejo e a fabricação da doença: *"Uma primeira tentativa através de métodos sinuosos de análise deve ser feita para convencer a própria paciente da existência nela de uma intenção de ficar doente"*. p.(62).

Passar-se-ão anos até que a escola das relações objetais venha a subtrair às pulsões a primazia na causação da neurose; porém, até hoje o uso devido (ou indevido) do poder na fala e no método analíticos é posto em questão, como comprovam a recente disputa entre Kernberg e Kohut

de como abordar o distúrbio narcísico da personalidade e as constantes discussões sobre o autoritarismo encoberto em certas práticas e teorizações da psicanálise.

Parece que desde o início, nossa teoria se forja de modo descontínuo e *sui generis*: confundimo-nos com a angústia de nossos objetos de estudo, escutamos seu discurso de dentro, arremedamo-lo até o ponto em que finalmente, munidos da lógica neurótica, nos encontramos em condição de dar um salto qualitativo, e passamos a perceber um todo maior. O que poderia ser uma desvantagem em termos epistemológicos transforma-se em estratégia de conhecimento, como se o psicanalista funcionasse à maneira de um etnólogo da mente: mistura-se à tribo e participa dos rituais quando convidado, para conhecer-lhes o sentido.

Assim em Freud, assim em Melanie Klein, que ao descobrir a

violência dos processos mentais, passa a antecipar-se a ela na sessão com interpretações-projéteis, ou seja, incorporando o uso do poder na técnica. Podemos dizer que a psicologia do ego trata o paciente à maneira obsessiva, e que quando o narcisismo começou a tornar-se mais evidente para os analistas, estes responderam ao desejo narcísico com noções como *holding*, *rêverie*, empatia, verdadeiro-*self*, legitimando de certa forma o anseio da personalidade narcisista de ser especial, única, centro das atenções.

A psicanálise, que surge no ocaso do romantismo, passa a chamar amor de eros e acredita que todo o amor humano é sublimação da pulsão sexual. A psicanálise moderna fala pouco de sexo. Fala mais de introjeção do bom objeto, estabelecimento de identidade, de posição depressiva (que não difere muito do que o leigo chama de consideração pelo semelhante), de falso e verdadeiro *self*, de capacidade de pensar os próprios pensamentos, de ter e não ser o falo (que não é pênis), de experiência emocional corretiva, etc.. A tão falada posição genital está mais longe dos genitais do que nunca.

Ela começou com um discurso histórico, acreditou naquilo em que o paciente acreditava e caminhou muito desde então. Visa agora a relação criativa do sujeito consigo próprio e com o outro, na qual haja prazer e desenvolvimento (objetivos à primeira vista mais pretensiosos do que os de Freud em 1905, mas na realidade mais matizados e humildes). Como parêntese: é interessante notar o caminho percorrido pelo conceito de neurose, que aqui se apresenta como algo degenerado, como apanágio de filhos de luéticos, e que veio a transformar-se em uma espécie de direito adquirido de toda a população.

Resquícios da utopia genital persistem de certa forma na oposição libido narcísica x relação objetal (alguns teóricos como Lacan e Kern-

berg procuram ultrapassar essa dicotomia, mostrando que neurose e narcisismo, relação objetal e narcísica se desenvolvem conjuntamente, como duas faces da mesma moeda).

Terá a psicanálise, talvez por receio de descaracterizar-se, se afastado muito do modelo sexual, sem contudo admitir isso?

2. "... ou mudaram os pacientes?"

Concluimos que a psicanálise mudou muito. E os pacientes? Como andam eles? Se abrimos a porta do consultório teremos a chance de encontrar Dora, atraente, olhar inteligente, sintomas em punho, ou ela se tornou personagem do passado, ente quase ficcional?

Quem são nossos pacientes? Claro está, conhecêmo-los e tratâmo-los todos os dias. Mas, colocada desta maneira, nossa pergunta resulta excessivamente genérica. Como então classificar os pacientes da atualidade, como categorizá-los através de alguma generalização minimamente válida? Como sobrevoar de forma panorâmica e refletir sobre aqueles que nos procuram, sem, no entanto, pecar por realizar um vôo rasante.

Duas idéias vieram em meu auxílio: uma é o fato, que nos tem surpreendido no dia a dia do consultório, de que um número grande de pacientes mostra interesse por assuntos relativos a misticismo, esoterismos dos mais variados. Relatam participar de *workshops* e palestras

sobre modalidades terapêuticas ditas alternativas, e com frequência demonstram interesse pela leitura dos mesmos autores, sendo os mais citados Paulo Coelho e Lair Ribeiro. A outra idéia é que faz parte do escopo do método psicanalítico ater-se a pequenos detalhes, às partes componentes de um todo, com o intuito de extrair a lógica psíquica subjacente a um determinado funcionamento, que via de regra, só se deixa entrever a partir de indícios.

Por outro lado, é fato também que a psicanálise tem-se mantido ao largo desses movimentos místicos e algo avessa a tratar do tema das terapias ditas alternativas, com o intuito de demarcar as diferenças metodológicas entre ela e essas práticas, as quais podem, eventu-

Como classificar os pacientes da atualidade, como categorizá-los através de uma generalização que possa ser minimamente válida?

almente, serem confundidas com charlatanismos.

Resolvi-me a procurar vencer os preconceitos gerados pela barreira metodológica e pelo meu desconhecimento e a pesquisar o porquê desses interesses de cunho mais "alternativo", sem a ilusão de esgotar um tema tão vasto e complexo em uma primeira abordagem. Para tanto, escolhi uma obra de cada um dos autores acima mencionados, para tentar descobrir o que veicu-

lam e por que meios o fazem, ou seja, a que demanda da clientela respondem. Esta é uma opção, portanto, que implica na inversão da fórmula: psicanálise clínica psicanálise aplicada. Faço minhas as palavras de Charles Hanly em *O Problema da Verdade na Psicanálise Aplicada*: "A psicanálise aplicada pode explorar estas fontes de verdade psicológica nas obras de arte no sentido de esclarecer, enriquecer e explorar a esfera dos conceitos clínicos e teóricos. A despeito de suas limitações metodológicas, a psicanálise aplicada compensa deste modo amplamente seu débito para com a psicanálise clínica." (p.48).

Embora Paulo Coelho e Lair Ribeiro sejam recebidos de nariz torcido, o fato de atraírem o leitor contemporâneo lhes confere importância inegável.

Embora tanto Paulo Coelho quanto Lair Ribeiro sejam frequentemente recebidos de nariz torcido por parte de leitores de gosto mais requintado, e que resistiriam a considerar seus livros como obras de arte, convém lembrar que o mero fato de atraírem o leitor contemporâneo lhes confere uma importância inegável.

Escolhemos *O Alquimista* de Paulo Coelho, que aliás se trata de fenômeno internacional de vendagem, com mais de oito milhões de cópias distribuídas no mundo⁶. Quanto a Lair Ribeiro, no momento da redação deste texto, seu livro *O*

Sucesso Não Ocorre Por Acaso, consta há cento e trinta e sete semanas da lista dos mais vendidos na categoria de não-ficção⁷, conforme publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* de 2/4/95.

A Alquimia do Desapego

Começando por *O Alquimista*: é um romance definido como texto "simbólico" pelo autor, que empresta o tema do conto *História dos dois que sonharam* de Borges. Relata a peregrinação de um pastor espanhol que tem um sonho sobre um tesouro que estaria à sua espera no

Egito, e que se decide a sair em busca dele depois que vários magos assim o aconselham. Ao cabo de várias peripécias e vicissitudes, o pastor encontra no Egito alguém que tivera o mesmo sonho, só que o tesouro se encontraria na Espanha. O rapaz volta para casa e verifica que o sonho do outro predissera a

verdade: a fortuna estivera todo tempo ali à sua espera. Ele porém, já não era o mesmo que dali partira.

Trata-se de uma história do tipo auto-ajuda, e de busca da consciência de si.

Já no prefácio se anuncia uma estratégia de comunicação muito eficaz: Paulo Coelho começa dizendo que confrontado com o medo da morte, tentou várias saídas esotéricas sem sucesso, até o momento de ser impelido pelo destino em direção a certas pessoas que lhe ensinaram um tipo de sabedoria que transcende tanto os esoterismos comuns

quanto a racionalidade: "Descobri que a linguagem simbólica, que tanto me irritava e desnor-teava, era a única maneira de se atingir a Alma do Mundo, ou o que Jung chamou de inconsciente coletivo. Descobri a Lenda Pessoal e os Sinais de Deus, verdade que meu raciocínio intelectual se recusava a aceitar por causa de sua simplicidade." (p.10).

O autor se oferece como mestre de tal saber e prossegue com uma pequena parábola - Nossa Senhora e o Menino Jesus teriam ido visitar um mosteiro. Todos os padres(sic) recepcionaram calorosamente os honoráveis hóspedes, com demonstrações de sua ciência e arte. Um padre mais humilde, não tendo nada melhor a mostrar, pôs-se a atirar laranjas para o alto, sob o olhar constrangido dos demais. Somente esse padre simplório seria agraciado com os favores dos santos visitantes: o Menino Jesus sorriu, e a Virgem agradecida lhe deu a honra de carregar a criança ao colo.

A eficácia desse discurso reside em dirigir-se ao leitor mais simples, dizendo-lhe que possui dentro de si tesouros que talvez desconheça, que podem fazer os deuses sorrir de felicidade. Se, entretanto, o livro cair em mãos mais céticas, mais críticas, de leitores que se considerem mais preparados, comunica-lhes que não sejam tão ingênuos nem tão pretensiosos quanto os padres do convento que de tão cheios de si, se desapercebiam dos caminhos da verdadeira sabedoria.

Freud desqualifica o leitor crítico chamando-o de neurótico. Paulo Coelho, por sua vez, o chama de vaidoso e pomposo. Ambos os autores se dispõem a compartilhar uma verdade desde que abandonemos nossos pontos de vista habituais. Ambos procuram deixar o leitor órfão, pondo em dúvida seus referenciais, ou seja, psicanaliticamente falando, fazendo com que desconfie de seus objetos internos, a fim de que novas aquisições e experiências possam ocorrer com ele.

Freud visa com isso ampliar o universo de consciência do sujeito, com o intuito de que este fique menos subjugado por suas paixões e por seus impulsos. Existe, portanto, uma intenção emancipadora a justificar sua técnica. E Paulo Coelho? A que tipo de experiência nos convida? Vejamos, a partir de algumas citações, para onde nos conduz:

"Quando a gente vê sempre as mesmas pessoas (...) terminamos fazendo com que elas passem a fazer parte de nossas vidas. E como elas fazem parte de nossas vidas, passam também a querer modificar nossas vidas." (p.40).

"O rapaz não sabia o que era Lenda Pessoal. É aquilo que você sempre desejou fazer. Todas as pessoas no começo da juventude sabem o que é sua Lenda Pessoal." (p.47).

"... forças misteriosas são forças que parecem ruínas, mas na verdade estão ensinando a você como realizar sua Lenda Pessoal (...) E quando você quer alguma coisa, todo o universo conspira para que você realize seu desejo." (p.48).

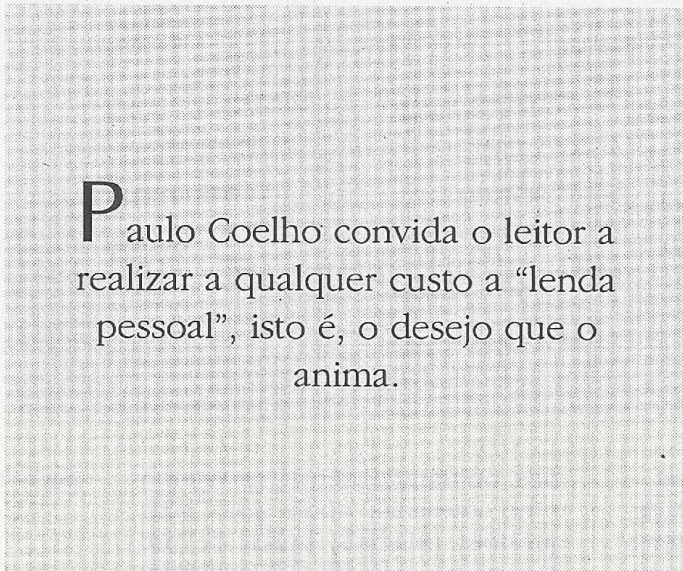
"Nunca desista de seus sonhos, havia falado o velho rei. Siga os sinais." (p.97).

"Este é o princípio que move todas as coisas. Na Alquimia é chamado de Alma do Mundo. Quando alguém deseja algo de todo o coração, você está próximo da Alma do Mundo. Ela é sempre uma força positiva." (p.118).

Vemos que a experiência para a qual Paulo Coelho convida o leitor é a de realizar a qualquer custo a *Lenda Pessoal*, isto é, o *desejo* que o anima. Nota-se através das citações e do rumo que a história toma, que *desejo* aqui é entendido como *absoluto desapego das raízes*, da família, do cotidiano, que o autor considera como forças conservadoras e obstaculi-

zantes. O *desejo* aqui refere-se exclusivamente à concretização dos impulsos auto-centrados do sujeito, por mais disparatados e incompreensíveis que possam parecer-lhe à primeira vista. Ele esclarece ainda que nunca tais *desejos* provêm das forças do mal, porém são sempre guiados pela divindade.

O personagem principal, a certa altura, apaixona-se por uma jovem beduína. Não titubeia em afastar-se dela em nome de sua busca, reassegurado por ela e pelo narrador de que a jovem ficará à sua



Paulo Coelho convida o leitor a realizar a qualquer custo a "lenda pessoal", isto é, o desejo que o anima.

espera por tempo indeterminado: *"Sou uma mulher do deserto e me orgulho disto. Quero que meu homem caminhe livre como o vento que move as dunas."* (p.16). Vemos pois que não há conflito entre projetos existenciais, de cunho mais individualista e aqueles de cunho mais amoroso, mais objetual. Todos podem ser livres como o vento, desapegados, pois no final tudo acabará bem. De uma pincelada só, Paulo Coelho resolve uma das maiores angústias dos seres humanos da atualidade, que estão frequentemente dilacerados entre opções de maternidade e opções de carreira, opções conjugais e opções profissionais, etc.

Fábio Herrmann, em seu livro *A Clínica Psicanalítica*, também recorre ao conto de Borges como uma metáfora do trabalho psicanalítico: um homem sonha o sonho de outro homem e o ajuda a encontrar-se a si mesmo. O analista buscaria, através do ato de "sonhar" com o paciente, delinear seu desejo e decompor suas forças estruturantes.

Para a psicanálise, a liberdade humana consiste na autonomia, ainda que relativa, frente ao desejo; esta liberdade consiste em fazer opções e arcar com as conseqüências. Paulo Coelho, entretanto, dá ao leitor permissão ilimitada para seguir seus impulsos, pois alguém por trás se encarrega da responsabilidade, seja Deus, o Universo ou a *Alma do Mundo*. Parece-nos um discurso diametralmente oposto ao da psicanálise. Arriscamos a dizer que é desadaptativo e anti-ético. Os homens não são descritos como parte e produto de uma cultura na qual devam inserir-se, mas ao contrário, como conformistas e acovardados frente à única missão pela qual valeria a pena viver, ou seja, voltarem-se para si mesmos em um movimento centrípeto.

Quando um discurso tão frouxamente urdido, tão pobre em termos literários, ocupa espaços com tal imediatez, devemos supor que no mundo contemporâneo haja um grande vácuo na realização do desejo humano.

Que vácuo na realização do desejo vem *O Alquimista* preencher?

Procuraremos pensar essa questão fazendo um certo desvio teórico que passa pelas proposições de Lasch⁸ sobre o estado atual da subjetivação humana.

Nos anos cinquenta as terapias, por um lado, e o braço do Estado, por outro, invadiram o âmbito fami-

liar, retirando-lhe a hierarquia e o poder de decisão e arbítrio. A família, que era o último bastião de acolhimento, de calor humano e de critérios morais e éticos, fica relegada à condição de espantalho: por fora aparência de autoridade, como estofo, palha. O poder pátrio passa a ser fachada, os papéis paterno e materno na educação e na saúde tornam-se cada vez mais prerrogativa de especialistas: psicopedagogos, conselheiros conjugais, terapeutas individuais e de família, e orientadores pedagógicos. Todos eles, em nome da ciência, sabem o que é melhor para que cada indivíduo se torne mais eficiente, melhor adestrado para desempenhar seu papel na sociedade, isto é, ser um vencedor.

Acreditamos que a psicanálise se instrumentalizou nessa época, e cooptou em parte esta ideologia da eficiência e da adaptação, por meio da psicologia do ego.

Ora, sabemos que a ciência, e a ética da eficácia, conforme a definição de Figueiredo⁹, não foram a prometida panacéia universal. A verdade é que se andou muito no que diz respeito à tecnologia, à informática, à biologia, mas os seres humanos sentem-se cada vez mais desamparados e incapazes de atender às metas internalizadas que uma ética de sucesso generalizado lhes exige: ser profissional de sucesso, ser esportista, ser culto, ser belo, ser bem analisado, ser bem casado...

Aqueles que têm por volta de quarenta/cinquenta anos, os assim chamados *baby-boomers*, professaram (e professam) esse ideal de serem eficientes. Alguns entre eles e também a geração mais jovem sentiram-se tomados por um vazio existencial e buscaram uma saída dessa engrenagem trituradora: a saída mística, mágica, que promete

o reencontro consigo próprio e com o universo, que apregoa o recentramento do eu alienado pelos inúmeros e díspares papéis a cumprir. A resultante desse processo é o que Figueiredo chama de a *ética do sobrevivente*, Lasch de *eu mínimo*, ou o que a psicanálise chama de *defesas narcísicas*: seres humanos preocupados em encontrar no cos-

Leituras como as oferecidas por Paulo Coelho fornecem um albergue provisório, um consolo alternativo.

mos, no transcendental, no natural e no artesanal, apoio para suas questões pessoais, busca de um hedonismo mais de tipo espiritual do que sexual, e necessidade de descompromissamento e de contingência absoluta nas relações interpessoais (os verbos *ficar*, *transar*, substituem outros mais compromissados como *namorar*, *envolver-se*).

Concordamos com Figueiredo quando diz que "*a ética do sobrevivente é a que leva mais longe o caráter mortífero da contemporaneidade, convertendo o desligamento e o desenraizamento (...) e um desligamento e desenraizamento desejados*" e ainda quando cita Macon Leary: "*trata-se de reduzir os desejos às dimensões do que cabe em um saquinho de viagem*". (p.64).

A ética da eficácia é fato de tal maneira inquestionável que o sujeito entraria em anomia se o ignoras-

se: afinal não há como negar que a ética de um determinado momento social tem caráter absoluto, a-histórico, no sentido de que pressupõe uma natureza humana comum, não individual. No entanto, não tem caráter meramente religioso pelo fato de poder ser argumentada pelos sujeitos, desde que se disponham a fazê-lo. O que ocorre com leituras do tipo oferecido por Paulo Coelho ou com algumas das práticas esotéricas é que fornecem um albergue provisório, um consolo alternativo, como bem diz o nome, que só ocorre nos intervalos entre uma tarefa e outra, entre um sucesso e outro. Essa saída individualista, auto-centradas, que negam a ética, negam a ordem simbólica, e oferecem o imaginário.

Uma estratégia menos alienada seria procurar meios de inserir o atendimento às necessidades humanas como filho legítimo na ética da eficácia, e assim alcançar maior harmonia e integração do humano.

O Barroco da eficácia

E Lair Ribeiro? Com que leitores fala em *O Sucesso Não Ocorre Por Acaso?*

Enquanto Paulo Coelho se dirige àqueles que, embora tenham obtido sucessos materiais e sociais, anseiam por preencher um vazio de tipo espiritual, Lair Ribeiro dirige-se a pessoas que ainda acalentam a ilusão de que através de conquistas mundanas poderão alcançar paz de espírito.

Em momento algum acusa seus leitores pelo fracasso em atingir as metas desejadas ou estimula sua auto-crítica. Pelo contrário, adverte-os de que a orientação que receberam até aquele momento é a única responsável pelas eventuais derro-

tas sofridas. Garante-lhes que, bem orientados, passarão à condição de vencedores, e logicamente se oferece como guia para tal reaprendizagem: "*Thomas Edison, inventor da lâmpada incandescente e da vitrola, entre outras coisas, estudou durante três meses e sua professora mandou-o embora, dizendo que era oligofrênico, que não tinha inteligência para os estudos (...) Conhecimento sem uso não é fator de sucesso. Nosso cérebro precisa aprender a ver as oportunidades, pois na nossa educação não somos treinados para isso. Os atuais processos educativos focalizam os problemas e não as soluções.*" (p.19).

A mensagem repetida é que a genialidade, de que todos seríamos incontestes portadores, se perde no processo de aculturação: "Os cientistas concluíram também que, para cada elogio, a criança recebia nove repreensões. O que acontece então com nosso cérebro, diante de tantas negativas? Vai criando limitações para que possamos nos sentir aceitos pelos nossos pais e pelas outras pessoas. E o gênio de cada criança vai desaparecendo. Este fato vai se perpetuando através das gerações. E a própria raça humana, como um todo, não se desenvolve o quanto poderia." (p.31).

Respiramos aliviados ao saber que tais estragos produzidos pela sociedade e pela família podem, felizmente, ser revertidos, segundo o autor, através das seguintes técnicas: visualizações ("*Visualização é um recurso fundamental para a instalação de experiências no sistema nervoso.*") (p.30); pensamentos positivos, que terão a função de reestruturação mental - "*ficam implantad(os) no cérebro e pode(m) tornar-se realidade*"

(p.30); esforços conscientes para aumentar a auto-estima.

Todo o discurso de Lair Ribeiro defende o voluntarismo, a disciplina férrea no sentido de jamais perder de vista as metas, e, ao contrário da psicanálise, que propõe um ego como respeitoso coordenador entre as forças espirituais e carnis do ser humano, apregoa um ego ditatorial que deve silenciar sentimentos indesejáveis, determinar sua substituição por outros mais úteis, ou, em outras palavras, o domínio das forças da

Todo o discurso de Lair Ribeiro defende o voluntarismo, a disciplina férrea, e, ao contrário da psicanálise, apregoa um ego ditatorial.

natureza: "*Pensamento é energia e energia segue pensamento. Pensamentos geram sentimentos que geram comportamentos. (...) Mude as crenças, renovando-as linguisticamente, e novas manifestações surgirão na sua vida. Você é quem comanda o seu 'navio'. Tire as mãos do bolso e conduza o leme com firmeza e determinação, levando sua vida pelos mares que você escolhe...*" (p.84).

Lair Ribeiro induz o leitor a uma série de conclusões infundadas, através do uso de sofismas e do recurso frequente à pseudo validação científica. Há um visível ataque ao pensamento do leitor, e um convite bastante anti-ético para que

este faça o mesmo: "*O ponto seguinte é a visualização. Se você fizer uma visualização bem feita, seu cérebro não distingue se o fato aconteceu ou se você só pensou. Dá no mesmo.*" (p.53). "*Num estudo realizado em um hospital psiquiátrico, dois grupos de pacientes deprimidos foram submetidos à mesma terapia medicamentosa: num deles foi colocado um esparadrapo na boca, o que fazia parecer que estavam sorrindo. Este grupo apresentou uma melhora bem mais rápida, porque, ao sorrirem mesmo involuntariamente, os pacientes davam ao cérebro uma mensagem de felicidade.*" (p.57).

Ser ou parecer, pensar ou delirar, sentir ou fingir não são categorias distintas para este autor, o qual, à certa altura, para nossa surpresa, invoca as forças do além para respaldar suas teorias, utilizando-se da mesma frase encontrada em Paulo Coelho: "*Se você descobre qual a sua finalidade de vida e alinha suas metas de acordo com elas, o universo conspira a seu favor.*" (p.82).

Lair Ribeiro é um Dale Carnegie redivivo. Reproduz o discurso da eficácia

e do sucesso que vigorava no Ocidente de antes da crise, defende com ufanismo valores capitalistas, promove a inserção a-crítica na ética do sucesso.

Nesse sentido é exemplar *barroco* do desgastado discurso da eficácia neste final de século, no sentido que lhe dá Borges no prólogo da *História Universal da Infâmia*: "*Diria que barroco é aquele estilo que deliberadamente esgota (ou pretende esgotar) suas possibilidades e faz limite com a própria caricatura (...) Eu diria que é barroca a fase final de toda arte, quando ela exhibe e exaure os seus recursos*".

Tanto Lair Ribeiro quanto Paulo Coelho contam a seu favor com

uma certa idealização da indisciplina de pensamento, com a suspeita generalizada contra o raciocínio lógico, com os efeitos de um certo distúrbio de pensamento que se tornaram praxe em nossos dias. Ambos se dirigem basicamente aos processos primários de pensamento do leitor, e atendem a seu *wishful thinking*. Ambos são geniais ao captar e manipular o espírito da época: convidam a desejar sem culpa. Desejo é igual a querer. Querer é poder.

De Dora ao presente

Em Dora havia uma magia e uma fantasia ligadas à sexualidade, no sentido da obtenção do poder e da conquista. De certa forma Freud mimetizou isso no início: porém, ao longo de sua obra ele enfatizou que a sexualidade é expressão de uma pulsão importante, mas que de modo algum representa ou esgota a solução para os problemas humanos. Estes apenas se resolveriam, ou ao menos se atenuariam, através da ampliação da consciência, da percepção das contradições e conflitos, o que permitiria ao homem fazer as opções possíveis dentro de uma dada situação sócio-cultural, e realizar seu desejo da forma mais prazerosa e ética possível.

Nestes pacientes contemporâneos, novamente se encontram a magia e a fantasia de cura, modificadas porém: eles crêem que o universo conspira para realizar seus desejos, e não que caberia a eles próprios encaminhá-los a um lugar ético. É verdade que, subentendidos a esse apelo à soberania do desejo, se escondem chamamentos sutis à perversão, ao modo delirante de pensamento, e convites a comportamentos de tipo mais narcísico e *borderline*.

Apesar disso, não acredito que nossos pacientes, de modo geral, sejam muito diferentes daqueles do *fin-de-siècle*; não são nem mais perversos, nem mais perturbados.

Os pacientes de Freud não podiam desejar certas coisas. Se descobrissem em si sinais de certos desejos interditados, se sentiriam culpados e pecaminosos. Por esse motivo ele precisou mostrar o aspecto patogênico da repressão.

Os pacientes que chegam até nós têm ampla permissão para desejar. Porém, causa preocupação observar que alguns deles, que se acreditam tão "alternativos", sejam tão previsivelmente submetidos a uma série de ideologias, e tão alienados de si.

Talvez seja legítimo concluir que a repressão continua presente, mas sob nova forma, ou seja, que as velhas defesas histéricas e obsessivas se ocultem sob nova roupagem. Podem-se isolar afetos através de fórmulas feitas, quer estas falem de anjos, astros ou estatísticas; podem-se realizar fantasias eróticas sem culpa imaginando-se ser um feliz possuidor de um BMW; pode-se dar vazão a impulsos sádicos atribuindo-os ao signo zodiacal.

Da mesma forma que a histérica freudiana apresenta um *display* de sexualidade, mas na verdade sofre de insatisfação sexual, frieza e desamparo, encontramos hoje pessoas que fazem declarações de liberdade, de poder e de domínio da própria mente e do destino, as quais revelam profunda solidão, sentimentos de impotência e de falta de autodeterminação, quando submetidas a uma observação mais cuidadosa.

Por isso, a nosso ver, podemos considerar certos tipos de comportamento "alternativo" como sintomáticos, por realizarem uma série de desejos em um âmbito puramente fantasioso. Isto não exclui o fato de que a psicanálise, através dos anos, ampliou e muito sua compreensão da doença mental, e incluiu novas entidades nosológicas sob seus cuidados.

Provavelmente o espírito neomístico de nossa época acoberta melhor certos quadros mais graves que antes não eram incluídos no

escopo do trabalho psicanalítico, mas que, por outro lado, tampouco eram recebidos com a tolerância que a cultura lhes concede hoje.

Quem procura o analista, a meu ver, são pessoas que, quer seja através da ciência, através do sexo, através do espelho, através do *status*, ou através do esoterismo, se encontram incapacitadas de obter a realização simbólica do desejo. Hoje, como em 1905.

NOTAS

1. Freud, S. - *Dora: an analysis of a case of hysteria*, Collier Books, N.Y., 1963 (as citações são tradução da autora, do original em inglês).
2. Fromm, E. - "L'analyse de la structure actuelle du caractère" in *Les Ecoles de la Psychanalyse*, Genève, Tchou ed.
3. Berheimer, C. & Kahane, C. (editors) - *In Dora's Case*, New York, Virago Press, 1985.
4. Hertz, N. - *O Fim da Língua - ensaios sobre a psicanálise e o sublime*, Rio de Janeiro, Imago, 1994.
5. O termo Complexo de Édipo só passou a fazer parte do vocabulário freudiano a partir de 1910, mas sua formulação data da época da correspondência a Fliess.
6. Coelho, P. - *O Alquimista*, Editora Rocco, R. J., 1994.
7. Lair, R. - *O Sucesso Não Ocorre Por Acaso*, Editora Objetiva, 1993.
8. Lasch, C. - *Refúgio num mundo sem coração. A Família: Santuário ou Instituição Sitiada?*, Paz e Terra, 1991.
9. Figueiredo, L. C. - "Ética, Saúde e as Práticas Alternativas" in *Revisitando as Psicologias*, São Paulo, Editora Vozes, 1995.